

APRESENTAÇÃO

Desde as suas origens, a Sociologia se voltou para a educação formal, o que não é de estranhar, uma vez que os indivíduos passam a maior parte de sua infância e juventude na escola, tornando-a locus importante de socialização e, conseqüentemente, tida como relevante para a formação e configuração da sociedade e do ator/sujeito social.

Émile Durkheim (1902 ; 1922), por exemplo, a tomou como objeto de análise a fim de compreender de que modo a sociedade estabelecia seu funcionamento “normal” e reproduzia sua “organização” entre as gerações. Sob sua perceptiva organicista, diversos estudos voltaram-se para a escola e para a educação a partir de um viés moralista e organizador do convívio social, sendo apontados como importantes para a aquisição e transmissão do conhecimento historicamente acumulado e para o desenvolvimento das sociedades.

Bourdieu e Passeron (1964 ; 1970) olharam para a escola buscando desvelar os mecanismos de reprodução social, inferindo que a escola era produto estruturado pela sociedade e estruturante desta, portanto, reprodutora das desigualdades sociais. Sob essa perspectiva, diversos estudos focaram o currículo escolar, a reprovação e a evasão dos alunos.

Althusser (1970) voltou-se para a escola buscando compreender a manutenção do poder do Estado, classificando-a como “aparelho ideológico do Estado”. Influência das por tal estudo, diversas pesquisas voltaram-se para as relações de poder e para a produção de ideologias no espaço escolar.

Mais recentemente, Lahire (1998), influenciado por Bourdieu, voltou-se para o estudo de trajetórias dos sujeitos e seus sucessos

e/ou fracassos escolares, influenciando diversos sociólogos da educação que tomaram o conceito de habitus para explicar as “molas da ação” dos atores sociais.

Como destacou Ianni (1989), em essência às tendências, escolas, teorias e interpretações desenvolvidas no interior da Sociologia ao longo de sua existência podem ser reduzidas a três princípios explicativos da realidade social: “causação funcional”, “conexão de sentido” e “contradição”. O princípio da causação funcional está presente nas contribuições de Spencer, Comte, Durkheim, Parsons e outros. Encontramos o princípio da conexão de sentido em Dilthey, Rickert, Weber e outros. Vemos o princípio da contradição nos trabalhos de Marx, Engels, Lenin, Lukacs, Althusser e outros.

O fato é que os três princípios explicativos presentes na Sociologia destacados por Ianni (1989) foram mobilizados para compreender a Educação, a escola, o currículo, os recursos didáticos e as relações de aprendizagem; nos fornecendo uma multiplicidade de métodos, teorias e problemas. Contudo, o lugar do tema “Educação na Sociologia brasileira” é hoje periférico, o que se observa nas poucas linhas de pesquisas voltadas à Educação nas pós-graduações de Sociologia.

A obra Sociologia e Educação, da Editora Café com Sociologia, traz reflexões em torno da Educação e da Escola sob abordagens sociológicas diversas (ou em diálogo direto com elas), evidenciando a multiplicidade de métodos, teorias e escolas mobilizadas no campo da Sociologia da Educação.

Os capítulos 1 e 2 deste livro trazem indicações de como a Sociologia voltou-se para a educação e quais suas contribuições à Sociologia da Educação.

No capítulo de autoria de Gustavo Cravo de Azevedo, Paula Britto Agliardi e Sara Esther Dias Zarucki Tabac, intitulado “A Sociologia da Educação e alguns caminhos para a pesquisa

contemporânea: a escola desigual e a escola democrática”, o leitor encontrará uma exposição de contribuições de Bourdieu e Dubet para os estudos das desigualdades sociais que envolvem diretamente a escola e o sistema educacional. Os autores, se apropriando de contribuições de Marcelo Baumann Burgos, problematizam questões em torno das desigualdades sociais em suas múltiplas formas presentes na sociedade e, conseqüentemente, na escola; que chamam de “novas desigualdades sociais”.

No capítulo 2, de autoria de Nildo Viana, o leitor encontrará uma exposição da abordagem marxiana da escola – passando por autores marxistas –, evidenciando os seus impactos sobre a Sociologia da Educação e áreas correlatas. Tal capítulo mostra-se bastante pertinente no contexto atual, marcado por críticas a Karl Marx e ao marxismo sem, contudo, serem proferidas por sujeitos que conhecem minimamente suas contribuições interpretativas da realidade social capitalista. Viana, visitando as reflexões esparsas e, em certa medida, pulverizadas no conjunto das obras de Marx, destaca sua compreensão da educação no interior do sistema capitalista como unilateral, dominadora e reprodutora de ideologias, indicando outros caminhos para a escola, reformista (via educação multilateral) ou revolucionária (via retomada de uma educação onilateral). Sob o método dialético, Nildo Viana descreve a escola em suas formas, funcionamentos e objetivos.

O capítulo 3, de autoria de Thiago Ingrassia Pereira e Carine Marcon, é intitulado “Paulo Freire e a Sociologia Política da Educação”. Os autores discutem alguns princípios da Sociologia Política da Educação, destacando sua presença nos clássicos da Sociologia e de que forma estes se reverberaram na América Latina e no Brasil. Partindo de aspectos epistemológicos da obra de Paulo Freire (outro autor que vem sendo atacado por desconhecedores de suas obras), é problematizada a compreensão do homem e da

educação, assim como apresentada a concepção de “pedagogia da pergunta” enquanto forma de operacionalização teórico-metodológica no pensamento de Freire e sua potencialidade/contribuição à Sociologia Política da Educação.

No capítulo 4, o leitor encontrará uma discussão em torno do Projeto de Lei do Senado nº 867/2015, denominado Programa Escola Sem Partido (ESP). Sob à luz de teorias sociológicas da educação, do trabalho e da Sociologia das Profissões, os autores Tatiele Pereira de Souza, Beatriz Brandão e Thiago Gabriel Silva Gameiro apresentam contribuições que nos ajudam a compreender de que maneira a ideia de “cidadania” está contida no Projeto e suas implicações no trabalho docente e no ensino de Sociologia. O foco do capítulo está nas ameaças ao ideário de “educação para a cidadania” presente na Constituição Federal, de 1988, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, e o uso de um “significante vazio” na busca por aceitação popular da proposta de lei. Os autores demonstram como o Programa Escola Sem Partido é um ataque aos princípios epistemológicos que norteiam o ensino de Sociologia destacados nas Orientações Curriculares Nacionais da área de Sociologia (2006).

O capítulo 5, de minha autoria, é uma análise, sob a perspectiva da Teoria da Transposição Didática, dos esforços didáticos presentes em compêndios de Sociologia publicados no Brasil nos anos de 1930. Nele são realizados exames de elementos didáticos que pudessem diferenciar os compêndios escolares dos não escolares. Para tanto, foi tomado como objetos de análises obras produzidas por representantes da “Sociologia Católica” (Tristão de Athayde e Francisca Peeters) e da “Sociologia Laica” (Fernando Azevedo e Delgado de Carvalho), tendo como pano de fundo as disputas pelo projeto de educação para o Brasil que marcaram esse período. Ao longo do capítulo, o leitor observará a proximidade

entre a Sociologia e a Educação na década em que a Sociologia se institucionaliza no ensino superior brasileiro e de que forma ela estava impressa nos compêndios, o que contribui para a compreensão da História do Ensino da Sociologia no Brasil.

No capítulo 6, os autores Joana Elisa Röwer, Maria Alda de Sousa Alves e João Paulo Freitas Gomes trazem “leituras de narrativas plurais” de alunos em processos de formação docente em Sociologia, considerando os impactos dos valores, das normas e da ideologia que constitui as instituições nas quais esses sujeitos estão inseridos, sendo tomadas como palco de relações com outros sujeitos, o que promove (re)construções de si mesmo e modela as percepções de suas experiências no estágio supervisionado na educação básica, assim como a compreensão do papel da escola. Para tanto, os autores voltaram-se para os relatórios de estágio supervisionado em Ciências Sociais de uma universidade pública, tomando-os como materialidades das experiências, assim como os momentos de diálogos com os estagiários.

O penúltimo capítulo é de autoria de Eduarda Bonora Kern, intitulado “Ser jovem é diferente de ser aluno: uma leitura sobre escola e juventude a partir da Sociologia da Experiência”. Nele, a autora, se apropriando das contribuições da Sociologia da Experiência, apresenta uma reflexão em torno dos jovens, de suas experiências socializadoras e da escola, destacando a crise de um modelo de socialização que reverbera no contexto escolar, este igualmente em crise, sobretudo por não dar conta de integrar atividades diferenciadas às da escola moderna.

Por fim, o capítulo 8, de autoria de Pércia Alves Silva, Andréa Giordanna Araujo da Silva e Elizabete Amorim de Almeida Melo. Após diversas reflexões em torno da escola, dos alunos e de teorias sociológicas da Educação acessadas ao longo da obra, neste capítulo em particular o leitor encontrará uma breve revisão de

literatura que contextualiza as atuais condições de precarização salarial e de trabalho em que se encontra a profissão docente no país para, em seguida, explorar as motivações dos alunos em optar por um curso de Licenciatura e desejar ser professor. O texto evidencia, dando voz aos alunos, diversas dificuldades que estes enfrentam no seu processo formativo. Muitos desses alunos, oriundos da classe popular, acabam ingressando na atividade docente como monitores, condição que os levam a conhecer de perto as dificuldades que envolvem a profissão docente. Contudo, estes (re)conhecem a importância social e política do professor e acreditam em seu papel de mudança das condições de precarização do trabalho docente, embora em alguns casos a escolha pelo curso envolvesse outros motivos que não ser professor; ao menos quando no momento do ingresso.

Esperamos que as reflexões contidas nesta obra contribuam para que você, leitor, se aproprie de contribuições epistemológicas, teóricas e metodológicas para pensar a educação, a escola, os alunos e os processos sociais e de aprendizagem envolvendo discente e docentes. Julgamos necessário e urgente fomentar os estudos de Sociologia em torno da Educação. É nessa direção o objetivo da série Sociologia e Educação.

Cristiano das Neves Bodart
Maio de 2019